

# AS MINAS DE PRATA E UMA IDEALIZAÇÃO DO HEROÍNA/HERÓI BRASILEIRA/O

Mayara Souto<sup>1</sup>

Renata Dal Sasso Freitas<sup>2</sup>

## Resumo:

O presente trabalho busca analisar a obra do romancista José de Alencar *As Minas de Prata* (1862-65) com foco nas relações dos personagens Estácio Corrêa e Inesita de Aguiar e em um ideal nacional pensado pelo autor. O romance estudado pode ser analisado sob o ponto de vista da relação entre as áreas de literatura e história por ser um romance que, para além de possuir um enredo voltado ambientado no passado colonial brasileiro, é também voltado para o passado com o objetivo de se determinar uma "origem" do ser nacional e a partir disso, delimitar padrões de comportamentos do que seriam brasileiros e a brasileiras. Qual é a representação de um homem nacional? Qual é a representação de uma mulher nacional? E qual são suas características? A discussão será baseada pelas leituras do campo historiográfico para conceituar formação do Estado-Nação e sua integração com a literatura; uma conceituação de gênero e suas funções sociais dentro da sociedade ocidental. Sendo assim, esse trabalho busca um estudo relacional entre gênero e formação nacional dentro do romance *As Minas de Prata* do José de Alencar.

**Palavras-chave:** História; Historiografia; Estado-Nação; Romance; Literatura;

**Modalidade de Participação:** Iniciação Científica

# AS MINAS DE PRATA E UMA IDEALIZAÇÃO DO HEROÍNA/HERÓI BRASILEIRA/O

<sup>1</sup> Aluno de graduação. mssouto.ms@gmail.com. Autor principal

<sup>2</sup> Docente. renatafreitas@unipampa.edu.br. Orientador

## Introdução:

Os romances do autor José Martiniano de Alencar (1829-1877) possuem temas diversos, mas se encontram uma preocupação do autor de “re”criar em seus romances histórias nacionais de um Brasil que estava se constituído como independente da coroa portuguesa. Dentre esses romances, escolhemos *As Minas de Prata*, dividido em três volumes, inicialmente publicado tendo sido como subtítulo a continuação do romance *O Guarani* (1852). Mais tarde, na edição final em 3 volumes, foi retirado esse subtítulo e a vinculação com o romance anterior.

*As Minas de Prata* é ambientado em Salvador, Bahia, no ano de 1609, tratando dos conflitos de Estácio Corrêa na busca de retomar a honra familiar e casar-se com a heroína Inesita. A trama principal conta a corrida pela procura de um roteiro da localização de umas minas de prata que fora encontrado por Moribeca, avô do herói, e que se perdeu quando Robério Dias, pai de Estácio, foi informar o rei em Portugal sobre as jazidas. Enquanto Estácio luta bravamente pelo roteiro com o padre jesuíta Molina, ele também lida com seu amor por Inesita, a despeito da recusa de D. Francisco de Aguiar, pai da moça, em permitir o casamento. Além disso, entre essas lutas por sua honra e para ter sua amada, Estácio também se envolve na expulsão de uma possível invasão holandesa que iria ocorrer.

A literatura brasileira do oitocentos tinha uma função tanto de entretenimento com uma narrativa ficcional bem elaborada, quanto educacional, como explica Sussekind servindo de “mapa e manual histórico e científico” (1990, p. 82) em que o narrador utiliza das ciências históricas e geográfica para a descrição das paisagens e costumes brasileiros. Para elaborar essa narrativa, o autor buscou documentos para legitimar paisagens e costumes, utilizando-se dos relatos de viagens de Gabriel Soares e de estudos do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) - foi por meio das documentações do IHGB que o autor encontrou fontes sobre Robério Dias e a busca das jazidas - para ambientar o romance.

## Discussão+metodologia

Alencar utiliza de uma narrativa já estabelecida no cenário europeu com os livros de Walter Scott, o chamado romance histórico, que consiste em uma trama em que a história ficcional corre ao lado de momentos históricos de tensão. Mesmo que Alencar busque por um forma literária europeia, isso não faz com que o romance seja menos nacionalista, pois o autor se coloca construir uma narrativa nacional descrevendo a paisagem e a “gente” brasileira para estabelecer diferenças em relação aos padrões europeus (DE MARCO, 1990). Dentre essa diferenciação na forma narrativa podemos destacar o uso do herói na narrativa scottiana. O herói nacional de Scott não é mais do que um homem comum, apático a grandezas por sua nação (LUKÁCS, 2011), o que se modifica na narração de Alencar por ter um herói guerreiro, que luta bravamente pelo coração de sua dama e por lutar também pelo seu país (VASCONCELOS, 2008).

A literatura produzida no Brasil após a Independência buscava incessantemente uma história brasileira, uma paisagem e um “jeito” brasileiro, que justificassem a independência da nova nação. Sendo assim, Alencar está inserido em um movimento nacionalista dentro da literatura, em que seus romances estão inseridos em um projeto de unificação do Estado-Nação buscando recriar hábitos e paisagens locais como forma

legitimar sua independência da metrópole e recriando esse passado nacional, tendo como objetivo uma literatura que “re”cria uma origem nacional anterior a colônia portuguesa e legitima uma origem brasileira anterior ao processo de emancipação política (SUSSEKIND, 1990). Alencar estava inserido em uma discussão mais ampla sobre a nação por ser um “militante da pena”, já que também era também político e jornalista, que buscava um projeto político e cultural brasileiro (DE MARCO, 2009). O autor estava em um contexto de discussões nacionais na busca de uma origem e unificação brasileira, essa preocupação não estava somente ligada aos literatos, sendo um projeto da historiografia brasileira no período (PIMENTA, 2006).

Voltando para a história de Estácio, seu pai, Robério Dias foi até a Espanha oferecendo “[...] o segredo das minas a Filipe II, que lhe prometeu de seu moto próprio o título de marquês, quando abriu a bolsa para entregar o manuscrito, não o achou; tinham-no roubado.” (1965a p.45) por conta da desconfiança do rei e por não conhecer o caráter de Robério, ele retira a proposta de marquês, lhe dando o cargo de administrador das minas porque Robério dizia ter uma boa memória do roteiro, mas quando foi junto com o governador D. Francisco de Sousa não lembrou o caminho e por conta de uma febre finou-se no delírio. Quando o governador explicou a história para o rei, foi estabelecido uma sentença que confiscava os bens da família, deixando Estácio ainda criança na pobreza. Poucos anos mais tarde sua mãe também falece, deixando o herói além de pobre, órfão.

No entanto, sua educação ficou nos cuidados do licenciado Vaz de Caminha, um português e de D. Álvaro Carvalho, o que fez com que Estácio pudesse continuar sendo tratado como um fidalgo e acessando espaços que uma pessoa da condição econômica dele não conseguiria frequentar. Estácio também tinha uma educação muito ligada com a fidelidade à Coroa Portuguesa, mesmo que o período em questão fosse o chamado de União Ibérica (1580-1640) - em 1578 o monarca português D. Sebastião morreu em batalha, sem sucessor direto e com a morte do último familiar da monarquia em 1580 Felipe II, que tinha reivindicado o trono, anexou o território português e suas colônias ao comando espanhol. Quando foi preso por ter desafiado um dos pretendentes de casamento da Inesita, fugiu da prisão para poder parar seus colegas de cela judeus, que tinham um plano de auxiliar em uma possível invasão holandesa à Bahia. Uma das suas virtudes muito mostradas no romance seria as suas habilidades próprias de cavaleiro, sendo hábil com a espada nas lutas e altivo.

Já sua pretendente, Inesita é o exemplo de recato e delicadeza, sabe se comportar e se vestir conforme os espaços que está circulando, seguindo fielmente as ordens paternas como podemos ver na sua conversa com o personagem Cristóvão de Ávila:

- Dizei-me, D. Inês!.. tendes alguma esperança de que D. Francisco consinta um dia em vosso casamento?...

Inesita sorriu:

- A esperança é o fôlego d'alma; quando ela se apaga, não há mais vida aí!...

Mas bem sei eu que só um milagre pode obter isso de meu pai.

- E sem êsse consentimento não sereis esposa do homem a quem amais?

- Na terra, não.

- Oh! Se lhe quisésseis como vos êle quer!

- Tudo quanto era meu lhe deu, pois só vivo dêle!... Minha pessoa não me pertence, mas a meu senhor pai. (1965c p. 287)

Essa fiel submissão da personagem à figura paterna se encaixa nos padrões de submissão feminina denunciados desde o final do século XVIII (WOLLSTONECRAFT, 2016), mesmo que isso signifique ir contra seus desejos de se casar com Estácio. Descrita na sua primeira aparição no romance como uma moça recatada e religiosa, filha de um fidalgo espanhol, Inesita é retratada como um protótipo de uma moça da elite brasileira e é sempre descrita como possuindo delicadeza, obediência e pureza. Inesita é usada pelo autor como um modelo de mulher que encontra no casamento sua felicidade e que espera na providência divina que suas ambições seja atendidas, mesmo que no desenrolar do romance seja – em alguns momentos - completamente impossível que sua união com Estácio venha a se concretizar. No entanto, com a ajuda de Raquel, uma judia que também é apaixonada pelo herói, o casal consegue ficar juntos.

O amor desses dois personagens fica restrito a olhares e pensamentos - os diálogos do casal se resumem a pequenos momentos durante a trama, entre os quais sendo quando Estácio tenta pedir a mão de Inesita em casamento para D. Francisco (e é recusado) e quando o casal finalmente fica junto no fim do romance, depois de Estácio salvar Inesita de um envenenamento intencional, sendo um dos grandes pecados cristãos. Estácio, portanto, salva sua amada de uma morte e do inferno cristão. Além disso, as demonstrações de afeto são feitas em momentos públicos em que somente para os dois há um significado sentimental, mas que para os demais as suspeitas ficam entre os mais próximos do casal. Estácio e Inesita não são vistos juntos até o fim do romance, quando Inesita é obrigada a casar com o melhor amigo do herói e ela toma um veneno dado por Raquel mas que tem um antídoto que Raquel dá ao herói depois de perceber que ele ama e deseja somente Inesita.

#### Resultados+consideração final

Os personagens analisados têm suas diferenças por suas agências sociais representadas no romance. Estácio, representando um homem nacional têm um papel de virilidade, astúcia e fidelidade à nação. Mesmo que tenha suas dificuldades por ter perdido a honra familiar, tem uma liberdade de escolher, seja de cometer um ato ilegal desafiando D Fernando - outro pretendente de Inesita - e se entregar as autoridades por seu ato ilegal, seja de fugir da prisão, de ir buscar o roteiro das minas, entre outras ações que faz no decorrer dos acontecimentos do romance.

Já Inesita, tem todas as formas de submissão feminina, suas decisões são limitadas às vontades paternas e seus próprios desejos ficam restritos às suas conversas com sua melhor amiga Elvira. Inesita em todo romance é vista pelos outros personagens com todas as qualidades do sexo feminino, o que sempre lhe dava um maior destaque dentre as outras personagens.

Os ideais do casal, além dos descritos individualmente, seria a submissão ao casamento. Mesmo que se amassem, o casamento é o laço mais forte que os ligavam em vida e mesmo que se pertencessem - sentimentalmente - o consentimento de D. Francisco ao casamento era algo imposto por Inesita, em contrapartida a problemas enfrentados no século como o “raptó consentido” (FALCI, 2004) de casais enamorados que, por serem pretendentes que normalmente fugiam das vontades paternas da donzela, fugiam até que se conseguisse o consentimento para se casar - e manter o mínimo de honra familiar - com seu pretendente.

## Bibliográfica

- ALENCAR, José de. As Minas de Prata vol 1. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1965a.  
\_\_\_\_\_. As Minas de Prata vol 2. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1965b.  
\_\_\_\_\_. As Minas de Prata vol 3. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1965c.
- DE MARCO, Valeria. A perda das ilusões. Campinas: Unicamp, 1993.
- FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del (org). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.
- FREITAS, Renata Dal Sasso. Páginas do Novo Mundo: Um estudo comparativo entre a ficção de José de Alencar e James Fenimore Cooper na formação dos estados nacionais brasileiro e norte-americano no século XIX. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008
- LUKÁCS, Georg. O romance histórico. São Paulo: Boitempo, 2011.
- PIMENTA, João Paulo Garrido. O “mito das origens”. Território Colonial e Território nacional: o problema e o prata como espaço privilegiado de análise. In: PIMENTA, João Paulo Garrido. Estado e Nação no fim dos impérios ibéricos no prata (1808-1828). São Paulo: Hucitec, 2006.
- SUSSEKIND, Flora. O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- VASCONCELOS, Sandra G. Figurações do passado: O romance Histórico em Walter Scott e José de Alencar. In: Terceira Margem Rio de Janeiro. Nº 18 p. 15–37. janeiro-junho 2008.
- WOLLSTONECRAFT, Mary. Reinvidicação dos direitos das mulheres. São Paulo: Boitempo, 2016.